



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA

ANA LÚCIA FERREIRA RIBEIRO

A ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA E EXPECTATIVA DA FAMÍLIA

Brasília-DF

Dezembro/2019

ANA LÚCIA FERREIRA RIBEIRO

A ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA E EXPECTATIVA DA FAMÍLIA

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB.

Brasília – DF

Dezembro/2019

TERMO DE APROVAÇÃO

A alfabetização na perspectiva e expectativa da família

Ana Lúcia Ferreira Ribeiro

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB.

Aprovado em: _____ de _____ de _____

Membros da Banca Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Ireuda da Costa Mourão, FE/UnB (Orientadora)

Profa. Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa, FE/UnB (Examinadora)

Profa. Luciane da Rocha Santos da Cunha, Mestra em Educação PPGE/UnB

(Examinadora)

AGRADECIMENTOS

À Deus por tudo que tem realizado em minha vida, por todas as portas abertas até o momento e pelas outras que tenho certeza que irão se abrir, por me conceder a oportunidade de realizar o sonho de ser pedagoga.

À minha família e minha madrinha pelo apoio, motivação e credibilidade depositada em mim.

A minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Ireuda da Costa Mourão, pela paciência e principalmente por me mostrar em cada encontro o quanto sou capaz.

Aos professores pela dedicação de cada um. São exemplos a serem seguidos.

Aos amigos pelo apoio e incentivo constante.

DEDICATÓRIA

À minha família e meus amigos que sonharam comigo essa nova etapa. E principalmente para as pessoas que acreditam no valor da educação para a formação de um indivíduo do bem.

RESUMO

Este estudo se insere no campo da Alfabetização, tendo como foco o envolvimento da família no processo de alfabetização das crianças. Seu objetivo geral é: **refletir sobre as perspectivas, expectativas e contribuições ou não da família no processo de alfabetização das crianças**. Buscou-se alcançar os seguintes objetivos específicos: analisar as perspectivas e expectativas das famílias em relação à alfabetização das crianças do 1^a ano do Ensino Fundamental; identificar atividades rotineiras e cotidianas das famílias que contribuam ou não para o processo de alfabetização; conhecer o que é demandado pela escola às famílias no processo de alfabetização de crianças do 1^a ano do Ensino Fundamental. Para a realização do estudo, tomou-se como fundamentação teórica autores como Emília Ferreiro; Ana Teberosky; Marlene Carvalho; Piaget e Vygotsky para abordar sobre alfabetização, desenvolvimento e aprendizagem. O estudo empírico contou com a realização de visitas a escola de anos iniciais do Ensino Fundamental do Distrito Federal, onde foram realizados questionários com onze famílias e uma professora, e entrevista com cinco crianças. Os resultados da pesquisa demonstram que as percepções das famílias sobre alfabetização estão vinculadas ao entendimento de que estar alfabetizado é saber ler e escrever, e que isto geralmente acontece entre os 6 e 7 anos. As famílias tem a percepção de que as crianças estão conseguindo avançar no processo de alfabetização e se mostraram satisfeitas com o desenvolvimento das crianças. Verificou-se certa dificuldade por parte da professora na definição mais detalhada do que seria a base teórica e metodológica de alfabetização utilizada por ela no seu dia a dia. Por outro lado, não relatou maiores problemas entre a parceria da escola com as famílias. As entrevistas com as crianças não evidenciaram contradições com as respostas das famílias.

Palavras-chave: Alfabetização. Criança. Desenvolvimento. Aprendizagem.

SUMÁRIO

PARTE 1 - MEMORIAL FORMATIVO	8
MEMÓRIAS DE UMA FUTURA EDUCADORA	9
PARTE II - MONOGRAFIA.....	15
1. INTRODUÇÃO	16
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM.....	19
2.2 A APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	22
2.3 A ESCOLA, A CRIANÇA, A FAMÍLIA E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	27
3. PERCURSO METODOLÓGICO E CONTEXTO DA PESQUISA	30
4. ANÁLISE DOS DADOS	34
4.1 AS CONCEPÇÕES, PERCEPÇÕES E EXPECTATIVAS DAS FAMÍLIAS SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	34
4.2 O OLHAR DA PROFESSORA SOBRE O ENVOLVIMENTO DAS FAMÍLIAS E O PAPEL DA ESCOLA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS	40
4.3 O QUE PENSAM AS CRIANÇAS SOBRE SEU PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E A PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS?	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
PERSPECTIVAS FUTURAS	47
REREFÊNCIAS	48
APÊNDICE	50

PARTE 1 - MEMORIAL FORMATIVO

MEMÓRIAS DE UMA FUTURA EDUCADORA

Meu nome é Ana Lúcia Ferreira Ribeiro, nasci em Brasília, no dia 1º de novembro de 1993, no hospital Unimed, às 01h 11min. Moro com meu pai José Alcides Ribeiro, que trabalha na PIRACICABANA como motorista; minha mãe, Maria de Fátima Ferreira Barbosa, que cuida da nossa casa e minha filha, Geovana Ribeiro Pereira Lima. Sempre morei no mesmo lugar no Cruzeiro Novo, no Distrito Federal.

Figura 1 - Formatura do Jardim III



Fonte: Arquivo pessoal da autora

A primeira escola em que estudei foi particular: a Escola Mundo Mágico, no Cruzeiro Novo. Entrei na escola com 5 anos e ali estudei do Jardim I à 4ª série do Ensino Fundamental. A foto 1 mostra a formatura do Jardim 3. Porém, antes mesmo de entrar na escola, já reconhecia as letras do alfabeto e sabia pintar dentro do desenho,

pois minha mãe sempre me deu aqueles desenhos com pontilhados para cobrir e depois pintar, o que fez com que eu desenvolvesse minha coordenação motora. Tenho muito orgulho dessa escola, pois foi nela que eu aprendi a escrever meu nome, as primeiras palavras e só consegui isso tudo com a ajuda dos professores que eram ótimos. Com certeza me espelharei muito neles quando estiver na mesma posição de educadora. Realmente ali era um “mundo mágico” onde conheci novos pontos de vista. Aprendi a socializar, respeitar, sorrir e chorar com outras pessoas (alunos, professores e servidores). Todos se conheciam e se ajudavam. Dava prazer ficar lá. Vou ser eternamente grata por tudo que aprendi ali, principalmente com a convivência que tive com a professora Kellya.

Figura 2: Minha formatura da 4ª série do Ensino Fundamental



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Na 5ª série, estudei numa escola pública, a Escola da 214 sul, que me proporcionou uma experiência diferente da adquirida na escola anterior. Estranhei no começo, pois eu já tinha visto a maioria daqueles conteúdos no ano anterior e as pessoas eram muito diferentes de mim na forma de pensar e agir. Era um novo mundo! Achei ruim ver que quase ninguém queria aprender nada e por isso os professores não se empenhavam. Mas também tinha seu lado bom, tive um ótimo professor de matemática, o professor Antônio, que, com a minha facilidade e seu jeito de ensinar, me incentivou a

participar das Olimpíadas de Matemática para escolas públicas. Passei na primeira e na segunda fase, mas, no dia da terceira etapa, eu fiquei doente e não pude realizá-la.

Em razão da dificuldade em me adaptar com a escola, minha mãe conseguiu uma vaga para eu estudar no Centro de Ensino Fundamental Polivalente, na 914 sul, escola pública, onde estudei até a 8ª série. Lá encontrei uma escola totalmente diferente, organizada, e todos os professores querendo dar aula. Os servidores, a direção e os professores tinham a maior paciência com os alunos e principalmente tratavam todos bem. Lembrava muito o “Mundo Mágico” que vivenciei na alfabetização. Na 8ª série a escola funcionava em horário integral e eu ficava o dia todo na escola: eu entrava às 8h da manhã e só saía às 16h30. Cada aula durava 3 horas, com um intervalo de 1 hora e meia para o almoço, mas não podíamos sair de dentro da escola nesse período. O Ensino Fundamental foi muito tranquilo e aprendi bastante convivendo com pessoas diferentes de mim e com os excelentes professores que tive. Fiz amizades sinceras com as quais convivo até hoje.

No Ensino Médio, estudei no Centro de Ensino Médio 02 do Cruzeiro. Fui bem recebida pelos profissionais que trabalhavam lá. Nessa etapa da vida escolar, eu me cobrei mais e me dediquei ao máximo por causa do vestibular. Graças à Deus, tanto à escola quanto os professores sempre incentivaram os alunos a descobrirem que rumo queriam tomar em suas vidas profissionais, trazendo especialistas em diversas áreas, criando projetos que estimulavam seus potenciais. Tive excelentes professores, uma delas foi a professora de História do 1º e 2º ano, que se chama Débora. As aulas dela eram todas sobre os conteúdos do Vestibular, do Pas e do Enem. Não gostava muito de História, Português e Geografia, mas, com os professores que tive no ensino médio, meus conceitos mudaram, pois eles conseguiram mostrar os conteúdos de outra forma e me fizeram aprender a gostar de estudar essas matérias. Já o 3º ano foi meio complicado, pois começamos o ano sem alguns professores.

Minha mãe, minha madrinha e outras pessoas queridas me incentivaram muito para eu fazer o vestibular do meio do ano de 2011. Fiz mais por experiência, pois eu ainda estava cursando o ensino médio. No dia do resultado, estava na escola com minhas amigas e elas me chamaram para irmos à direção ver a lista dos aprovados. Fiquei com medo e disse: “Ai! Eu não, gente! Não vou não, porque eu sei que não passei”. Decidi ir, mas não olhei o resultado lá. Fui para casa e quando deu umas 17h resolvi olhar o resultado na internet e, para minha surpresa, eu tinha passado!!! Fiquei superfeliz e triste ao mesmo tempo, pois tinha que fazer a matrícula no outro dia e tinha

que entrar na justiça, porque eu ainda estava cursando o ensino médio. Mas Deus me ajudou colocando uma família de advogados (pai, mãe, filha e genro) no meu caminho: conseguiram a autorização do Juiz para a escola acelerar a conclusão do meu ensino médio, foram na escola pegar toda a documentação, me levarem na UnB para fazer a matrícula e depois me deixaram com minha mãe em casa. Agradecemos muito a eles e foi aí que nos surpreenderam, pois agradeciam pela oportunidade de serem úteis ao próximo.

Tive um grande aprendizado com a postura dessa família, vi a boa vontade deles em orientarem, tanto no fórum quanto na minha escola e na UnB. Eles ajudaram até mesmo outros pais que estavam na mesma situação que a minha: emprestaram celular para aluno se comunicar com advogado e ajudaram os servidores quanto á como deveriam proceder. Eles não cobraram nada por isto e me ensinaram algo que não tem preço: a ser profissional, mas que, quando houver oportunidade, devemos estender a mão a seu próximo.

Fiquei muito feliz nesta nova etapa da vida, pois a escolha do curso era a que eu queria. Hoje, finalizando o curso de Pedagogia, tenho a certeza que fiz uma das melhores escolhas da vida. Comecei o curso empolgada e com gás total. Um dos motivos que escolhi pedagogia por gostar bastante de crianças e acredito que é uma profissão de aprendizado constante, pois ao mesmo tempo em que você ensina você aprende. Seja em relação aos conteúdos apresentados aos alunos, seja na troca de experiências diárias com eles. Por isso digo que aprender é algo contínuo na carreira docente.

Tive excelentes professores e disciplinas muito interessantes, em especial a de “Processo de Alfabetização”, com a professora Alexandra. Nesta disciplina tive a oportunidade de refletir e relembrar momentos da minha infância, especialmente à forma como lidamos (eu e minha família) com o processo de alfabetização. Consegui ver muitas mudanças em relação ao ensino da leitura e da escrita. Achei interessante as discussões e apresentações dos textos propostos pela professora. Marcou uma aula que tivemos, que de certa forma, retrata a importância da atenção do professor as individualidades dos estudantes. Na aula, refletimos que o nosso nome pode até ser igual ao de outra pessoa, mas esse nome tem um significado único para cada um, pois cada nome tem sua história.

Outra matéria que eu gostei e aprendi bastante foi a de Matemática 1 e 2, com os professores Villar e Cristiano. Eles quebraram muitos conceitos e preconceitos

que eu tinha sobre como ensinar e me apresentaram diversas formas de como uma criança e até mesmo um adulto podem aprender. Sou muito grata a eles por isso.

Desde o segundo semestre, comecei a fazer estágio em um colégio particular. Lá as salas eram divididas por grupos e fui auxiliar de sala durante 2 anos do grupo 4 e 5. Gostei bastante dessa experiência e aprendi muito com a professora regente, a qual somos amigas até hoje. Depois, fiz 1 ano de estágio no Hospital Sarah, em um projeto chamado Dimensão. Esse estágio foi interessante, pois tive o prazer de trabalhar juntamente com outros estudantes de psicologia e vários profissionais de outras áreas, como neurologista, fonoaudiólogo, fisioterapeuta entre outros, para juntos fazermos a reabilitação neuropsicológica de crianças e adolescentes com lesão cerebral. O objetivo deste Projeto era a interação social, estimular a criatividade e o desenvolvimento destas crianças e adolescentes. O mais legal deste Projeto era que nós, estudantes, interagíamos com as crianças e adolescentes por meio de atividades mediadas por uma variedade de ferramentas, como vídeo game, jogos 3D, quadrinhos, jogos de tabuleiro, passeios de barco, confecção de bolos e pizzas. Percebi que este Projeto não visa só a reabilitação motora e neuropsicológica, mas também a reabilitação social, dando confiança, elevando a autoestima deles e deixando-os mais autônomos nas suas tomadas de decisão, trazendo-os, assim, mais para perto dos seus familiares e da sociedade.

Figura 3: Minha equipe do estágio no hospital Sarah



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Minha experiência seguinte foi um estágio na Escola do Lago Norte, em Brasília, em que fui auxiliar de sala durante 2 anos e meio no Jardim II. Aprendi e amadureci muito, pois a professora sempre me deu autonomia e trabalhava comigo numa relação de companheirismo. A forma pela qual ela ensinava os alunos foi me encantando, com isso fui querendo estudar e aprender mais e mais sobre o assunto. Este estágio foi um desencadeador para a escolha do tema deste Trabalho Final de Curso, pois a experiência em lidar com crianças que começavam a alfabetizar-se tão cedo, ainda na Educação Infantil, me fizeram questionar as contribuições ou não da família no processo de alfabetização.

Durante este último estágio, descobri que estava grávida e com 4 meses tive que sair, pois foi uma gravidez de alto risco. Por isso fui deixando a faculdade de lado e acabei sendo desligada da UnB. Depois que a minha filha cresceu um pouco voltei para a faculdade, pedi a reintegração e fui aceita novamente para cursar o segundo semestre de 2019.

PARTE II - MONOGRAFIA

1. INTRODUÇÃO

A alfabetização é um tema complexo. Existem diversas teorias e métodos que fundamentam os estudos nesta área, e, por isso, a discussão sobre qual é o melhor ou o mais adequado tem causado bastante polêmica, especialmente a rivalidade entre os métodos sintéticos e analíticos.

Tradicionalmente, conforme uma perspectiva pedagógica, o problema da aprendizagem da leitura e da escrita tem sido exposto como uma questão de métodos. A preocupação dos educadores tem-se voltado para busca do “melhor” ou “mais eficaz” deles, levantando-se, assim, uma polêmica em torno de dois tipos fundamentais: métodos *sintéticos*, que partem de elementos menores que a palavra, e métodos *analíticos*, que partem da palavra ou de unidades maiores. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1986, p.18)

Mesmo depois de muitos estudos ao longo de décadas, ainda hoje há, para alguns, uma grande dúvida sobre qual seria o melhor método para alfabetizar. Contrariando a uma corrente de ensino em que as crianças são passivas, e a aprendizagem é mecanizada, autores como Marlene Carvalho (2015), defendem a alfabetização como um processo de aprendizagem onde se desenvolve a habilidade de ler e escrever para que esta habilidade seja utilizada como um código de comunicação com o seu meio. Conforme a mesma autora, o processo de alfabetização deve começar pela produção e reconhecimento de frases sugeridas pelas próprias crianças.

Para Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1985), uma das principais evidências no movimento de crítica aos métodos sintéticos de alfabetização, é a recusa pelo uso da cartilha. As ideias destas autoras foram muito difundidas no Brasil. Elas acreditam que no processo de alfabetização a compreensão da função social da escrita deve ser estimulada com uso de texto de atualidade, livros, histórias, jornais, revistas. Também defendem que as crianças não são passivas nesse processo, que pensam sobre a funcionalidade da escrita e assim elaboram hipóteses sobre a construção da escrita, que são superadas até conseguirem chegar a um nível alfabético.

Se as crianças são ativas no processo de alfabetização, se pensam e interagem com o seu objeto de conhecimento, que é a escrita e sua função social, é necessário então questionarmos os modelos de ensino e aprendizagem centrados no individualismo e na educação bancária. É necessário questionar qual a importância e o papel das

¹ Paulo Freire critica a educação bancária e defende uma educação libertadora e problematizadora, que conforme ele entendendo: “não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos”

relações que a criança estabelece com as outras pessoas na escola e na sociedade quando está sendo alfabetizada.

Considerando que é na família em que ocorrem as primeiras aprendizagens provenientes da relação que estabelecemos com os outros, e de que é nesse espaço social em que o sujeito aprende a viver. Entendemos que:

O papel da família na formação e nas aprendizagens das crianças e jovens é ímpar. Nenhuma escola por melhor que seja, consegue substituir a família. Por outro lado, destaco também que a função de escola na vida da criança é igualmente ímpar. Mesmo que as famílias se esmerem em serem educadoras, o aspecto socializado do conhecimento e das relações não é adequadamente contemplado em ambientes domésticos. (PAROLIN, 2008, p.01)

Assim, o presente estudo possui o objetivo geral de **refletir sobre as perspectivas, expectativas e contribuições ou não da família no processo de alfabetização das crianças**. Buscou-se alcançar os seguintes objetivos específicos:

- i) analisar as perspectivas e expectativas das famílias em relação à alfabetização das crianças do 1^a ano do Ensino Fundamental;
- ii) identificar atividades rotineiras e cotidianas das famílias que contribuam ou não para o processo de alfabetização;
- iii) conhecer o que é demandado pela escola às famílias no processo de alfabetização de crianças do 1^a ano do Ensino Fundamental.

Estes objetivos e todo o percurso metodológico caracterizam essa pesquisa como qualitativa. A investigação é de campo, exploratória e descritiva. Foram utilizados como instrumentos de pesquisa a entrevista semiestruturada e o questionário. Os sujeitos da pesquisa foram: uma professora; 4 crianças, estudantes do 1^a ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do DF, e suas respectivas famílias.

As principais referências teóricas utilizados nesse trabalho foram Marlene Carvalho (2015), Emília Ferreiro & Ana Teberosky (1985), Piaget (1967) e Vygotsky (1989).

Esta monografia é composta por três capítulos. O primeiro, da fundamentação teórica, aborda de maneira geral, conceitos relevantes como o de alfabetização, desenvolvimento e aprendizagem. Trata de perspectivas teóricas e metodológicas da

e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. [...] (FREIRE, 1987, p. 68).

alfabetização, como também sobre a relação entre família e escola, a importância desse vínculo para as crianças. O segundo capítulo descreve o percurso metodológico da pesquisa, como foi à elaboração e aplicação dos questionários e da entrevista. E, por fim, o terceiro capítulo analisa os dados gerados e discute seus resultados.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo está dividido em três tópicos, o primeiro tópico intitula-se: “O desenvolvimento e a aprendizagem”; o segundo “A aprendizagem, o desenvolvimento e o processo de Alfabetização”; e o terceiro: “A escola, a criança, a família e o processo de alfabetização”. Discute os principais conceitos e espaços envolvidos nesse processo, isto é, alfabetização, desenvolvimento e aprendizagem, a família e a escola.

2.1 DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

A ideia de que a criança é um ser ativo, que diariamente cria hipóteses sobre seu ambiente, nem sempre foi entendida e aceita por educadores. Neste trabalho tomamos como referências para discutir sobre isso, dois teóricos que nos ajudaram a repensar os processos de ensino e aprendizagem. Escolhemos Piaget e Vygotsky, pois estes questionaram como os indivíduos elaboram conhecimento, como se desenvolvem e aprendem. Assim, é importante entendermos como eles pensam, as similaridades e diferenças em suas teorias e suas implicações para a alfabetização.

Os processos de ensino e aprendizagem na alfabetização por muito tempo foi aquele no qual o professor é o que fala e os alunos são os ouvintes. Nessa educação, cabe ao professor expor o conteúdo, e ao aluno fixar, memorizar, repetir, sem perceber o que o conteúdo transmitido realmente significa. Esta pedagogia foi classificada por Libâneo (1992) como Tendência liberal tradicional. Conforme este autor, as aulas nesta tendência:

Baseiam-se na exposição verbal da matéria e/ou demonstração. Tanto a exposição quanto a análise são feitas pelo professor, observando os seguintes passos: a) preparação do aluno (definição do trabalho, recordação da matéria anterior, despertar interesse); b) apresentação (realce de pontos-chaves, demonstração); c) associação (combinação do conhecimento novo com o já conhecido por comparação e abstração); d) generalização (dos aspectos particulares chega-se ao conceito geral, é a exposição sistematizada); e) aplicação (explicação de fatos adicionais e/ou resoluções de exercícios). (LIBÂNEO, 1992. p. 24).

Contrariando essa tendência, uma parte dos educadores e professores alfabetizadores passaram a criticar essa forma ensinar e aprender, para defender que o aluno é o sujeito ativo no processo de ensino e aprendizagem. Como principais

referências a essa nova forma de entender os processos de ensino e aprendizagem estão os teóricos Piaget e Vygotsky. É importante destacar que para Libâneo (1992), apesar destes dois autores se posicionarem contrários a tendência tradicional por questionarem que o indivíduo não é um ser passivo na elaboração do conhecimento, os dois não estariam numa mesma posição teórica, já que Libâneo entende que Piaget fundamenta a tendência pedagógica renovada progressivista e Vygosty fundamenta a tendência renovada critico-social de conteúdos.

Desta forma, optamos por tratar o que pensam estes teóricos, que são importantes para nos ajudar a compreender o desenvolvimento e aprendizagem das crianças no processo de alfabetização. Vamos começar com Piaget. Este teórico tem o grande mérito, pois em seu campo de estudo, a Psicologia Genética, contribuiu ao perguntar como o homem conhece, como se desenvolve e como aprende. Uma grande contribuição para a Pedagogia é o fato dele pesquisar as crianças. Ele diz que:

Quando interrogamos crianças de diferentes idades sobre os principais fenômenos que as interessam espontaneamente, obtemos respostas bem diferentes segundo o nível dos sujeitos interrogados. Nos pequenos, encontramos todas as espécies de concepções, cuja importância diminui consideravelmente com a idade: as coisas são dotadas de vida e de intencionalidade, são capazes de movimentos próprios, e estes movimentos destinam-se, ao mesmo tempo, a assegurar a harmonia do mundo e servir ao homem. Nos grandes, não encontramos nada mais que representações da ordem da causalidade adulta, salvo alguns traços dos estágios anteriores. Entre os dois, de 8 a 11 anos mais ou menos, encontramos, pelo contrário, várias formas de explicações intermediárias entre o animismo artificialista dos menores e o mecanismo dos maiores. (PIAGET, 1967, p.173-4)

Piaget entende que o processo de aprendizagem está vinculado a níveis de desenvolvimento em que o sujeito se encontra, inclusive as crianças. Assim na elaboração do conhecimento o indivíduo organiza o pensamento e as atividades mentais. Para Piaget (1967), estruturas variáveis são maneiras de organização das atividades mentais, que englobam os aspectos motor ou intelectual e afetivo, tanto na dimensão individual como na social; já as características invariáveis são as funções de interesse, explicação, entre outras, que não variam com o nível mental do indivíduo.

Conforme Piaget existe alguns fatores que influenciam ao desenvolvimento:

Para mim, existem 4 fatores principais: em primeiro lugar, Maturação..., uma vez que este desenvolvimento é uma continuação da embriogênese; segundo, o papel da Experiência adquirida no meio físico sobre as estruturas da inteligência; terceiro, Transmissão Social num sentido amplo (transmissão lingüística, educação, etc.); e quarto, um fator que freqüentemente é negligenciado, mas que, para mim, parece fundamental e mesmo o principal

fator. Eu denomino esse fator de Equilibração ou, se vocês preferem, auto-regulação. (PIAGET, 1967, p. 178).

Piaget entende que para o desenvolvimento acontecer a criança e o adulto precisam de maturação, assim, estamos entendendo, conforme o teórico, que não há como se desenvolver sem que o organismo tenha maturidade para isto. Mas também que a experiência é necessária para ocorrer o desenvolvimento, isto é, a criança precisa ter ação direta sobre o objeto de conhecimento, precisa passar por experiências. Além disso, a transmissão social por meio da linguagem, da educação, da sociedade. Por fim, a equilibração e a compreensão que o desenvolvimento se dá por uma constante busca de equilíbrio, que significa a adaptação dos esquemas existentes ao mundo exterior.

Em relação aos conceitos de desenvolvimento e aprendizagem. Piaget se coloca estabelecendo a diferença entre estes:

Primeiro, eu gostaria de esclarecer a diferença entre dois problemas: o problema do desenvolvimento e o da aprendizagem. ...desenvolvimento é um processo que diz respeito à totalidade das estruturas de conhecimento. Aprendizagem apresenta o caso oposto. Em geral, a aprendizagem é provocada por situações provocadas por psicólogos experimentais; ou por professores em relação a um tópico específico; ou por uma situação externa. Em geral, é provocada e não espontânea. Além disso, é um processo limitado a um problema único ou a uma estrutura única. Assim, eu penso que desenvolvimento explica aprendizagem, e esta opinião é contrária à opinião amplamente difundida de que o desenvolvimento é uma soma de experiências discretas de aprendizagem. (PIAGET, 1967, p. 176).

Assim, entendemos que para Piaget o desenvolvimento é um processo que está vinculado as estruturas do conhecimento, e que a aprendizagem geralmente está ligada a situações provocadas, são intencionais. Para ele o desenvolvimento explica a aprendizagem. E neste ponto encontramos uma divergência com o pensamento de Vygotsky. Pois, Vygotsky (1982) afirma que o meio social é determinante do desenvolvimento humano e que isso acontece fundamentalmente pela aprendizagem da linguagem. Ele não nega que exista diferença entre os indivíduos, que uns estejam mais predispostos a algumas atividades do que outros, em razão do fator físico ou genético. Contudo, não entende que essa diferença seja determinante para a aprendizagem.

Para Vygotsky (1982), o sujeito é ativo, ele age sobre o meio. Para ele somos primeiro sociais e depois nos individualizamos. Nas palavras de Teresa Cristina Rego (1999, p. 98), ao descrever a Teoria Vygotskyana:

Em síntese, nessa abordagem, o sujeito produtor de conhecimento não é um mero receptáculo que absorve e contempla o real nem o portador de verdades oriundas de um plano ideal; pelo contrário, é um sujeito ativo que em sua

relação com o mundo, com seu objeto de estudo, reconstrói (no seu pensamento) este mundo. O conhecimento envolve sempre um fazer, um atuar do homem.

Este teórico nos ajuda a questionar a idade cronológica como critério para o desenvolvimento e a aprendizagem, pois crianças da mesma idade podem apresentar desempenhos diferentes, assim como crianças da mesma idade podem apresentar desempenhos semelhantes. E um conceito elaborado por ele nos ajuda como professores a repensar nossas formas de ensinar e aprender. Para ele a Zona de Desenvolvimento Proximal é:

a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1989, p.97).

Com este conceito aquela ideia de que todos aprendem ao mesmo tempo e no mesmo ritmo cai por terra. Este teórico contribuiu para repensarmos nossos espaços e formas de ensinar na escola, de repensar nossa tarefa, nosso papel nos processos de ensino e aprendizagem.

As proposições de Piaget e Vygostky influenciaram vários estudiosos, inclusive, os da área da alfabetização. Ganhou destaque no Brasil os estudos de Emília Ferreiro, que foi discípula de Piaget. Ferreiro junto com outra estudiosa, Ana Teberosky publicaram os resultados de suas pesquisas que procuraram compreender o caminho que a criança faz para apreender o sistema da escrita e, com isso inovaram as práticas de alfabetização e colocaram novos olhares para o processo.

2.2 A APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Emília Ferreira e Teberosky (1985) contrapondo a tendência tradicional na alfabetização, defendem que a criança passa por um processo, um caminho para construir a escrita.

Entendemos por processo o caminho que a criança deverá percorrer para compreender as características, o valor e a função da escrita, desde que esta se constitui no objeto da sua atenção (portanto, do seu conhecimento). (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985, p.15).

Depois de dois anos de experiências, as pesquisadoras perceberam que as crianças reconstroem individualmente o caminho que a humanidade construiu ao fabricar a escrita. Para elas, a alfabetização é um processo interno do ser humano caracterizado como um período de grandes dificuldades e conflitos e que depende da estimulação fornecida pelo ambiente em que o sujeito alfabetizando está inserido. É um processo de construção e reconstrução constantes e principalmente sobre a influência do que o sujeito já conhece sobre o sistema da escrita, é a parti disso que o sujeito parte para ampliar seu conhecimento (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985).

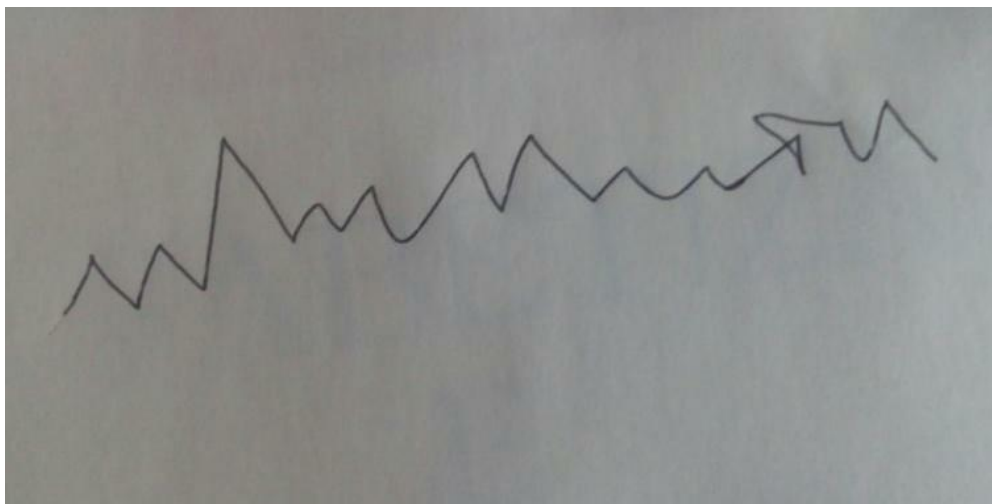
Com isso, o foco do processo de alfabetização se desvia do professor que ensina para o aluno que aprende. Elas identificaram alguns níveis pelos quais as crianças passam até compreenderem o funcionamento do sistema da escrita. Definiram os níveis em: pré-silábico; silábico, silábico-alfabético e alfabético.

No nível pré-silábico, a criança não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada, não compreende a relação som/letra, e tudo que está escrito representa o nome de uma figura; não há diferenciação entre número, letras ou desenhos. Não há critério de quantidade, nem de diferenciação dos caracteres usados e a mesma palavra é escrita de diversas formas.

Neste nível a leitura do escrito é sempre global, e as relações entre as partes e o todo estão muito longe de serem analisáveis: assim, cada letra vale pelo todo, como o veremos a propósito da leitura do próprio nome. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985, p.189).

Nesse nível, escrever é produzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica de escrita. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985). A Figura 4, é um exemplo de escrita de uma criança no nível pré-silábico.

Figura 4: Bola



Fonte: Arquivo pessoal da autora, de uma criança de 03 anos.

Neste nível tem um objetivo muito importante que é fazer com que as crianças reconheçam qual é o papel que as letras desempenham na escrita; diferenciar a imagem de texto e letras de números e tentar compreender a conexão entre discurso oral e texto.

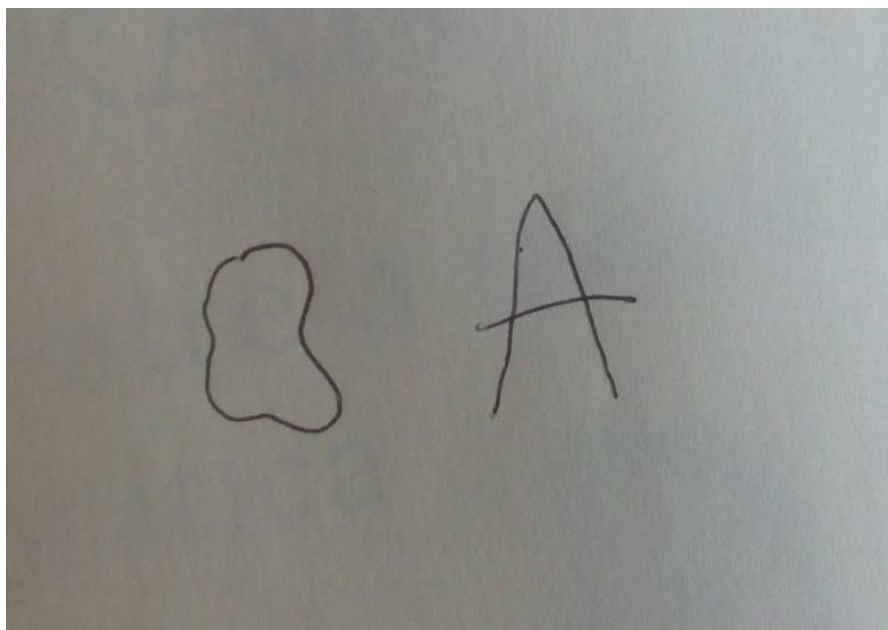
Para poder ler coisas diferentes (isto é, atribuir significados diferentes) deve haver uma diferença objetiva nas escritas. O progresso gráfico mais evidente é que a forma dos grafismos é mais definida, mais próxima a das letras. Porém, o fato conceitual mais interessante é o seguinte: segue-se trabalhando com a hipótese de que faz falta uma certa quantidade mínima de grafismos para escrever algo, e com a hipótese da variedade nos grafismos. Agora, em algumas crianças, a disponibilidade de formas gráficas é muito limitada, e a única possibilidade de responder ao mesmo tempo a todas as exigências consiste em utilizar a posição na ordem linear. É assim como estas crianças expressam a diferença de significação por meio de variações de posição na ordem linear, descobrindo, assim, em pleno período pré-operatório, os antecessores de uma combinatória, o que constitui uma aquisição cognitiva notável. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985, p.189).

No nível silábico, a criança compreende que a escrita representa a fala e que as palavras são formadas por “pedaços” (silabas) e cada pedaço corresponde a uma letra. A criança pode misturar letras inventadas, letras convencionais e usá-las com ou sem valor sonoro.

Nesse nível está caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita. Nessa tentativa, a criança passa por um período da maior importância evolutiva: cada letra vale por uma sílaba. É o surgimento do que chamaremos a hipótese silábica. Com esta hipótese, a criança dá um salto qualitativo com respeito aos níveis precedentes. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985, p.193).

Para as autoras, quando não há valor sonoro, a criança pode usar qualquer letra para representar cada sílaba ou pode usar qualquer sinal gráfico. Quando há valor sonoro, a criança escreve a letra que corresponde ao som da sílaba falada, podendo ser vogal ou consoante, como o exemplo a seguir:

Figura 5: Bola



Fonte: arquivo pessoal da autora, de uma criança de 04 anos.

No nível silábico-alfabético, a criança passa por uma transição em que não abandona as concepções anteriores, mas não conseguiu ainda compreender a escrita nos termos fonéticos. A criança já sabe que para escrever precisa usar mais letras por sílabas, começa a compreender a relação entre a totalidade e as partes, usando o critério da quantidade de sílabas e o critério do valor sonoro das letras na mesma palavra.

Para Ferreiro e Teberosky (1985), a criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise, que vai além da sílaba, ela percebe o conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima (ambas exigências puramente internas, no sentido de serem hipóteses originais da criança) e o conflito entre as formas gráficas que o meio lhe propõe e a leitura dessas formas em termos de hipóteses silábicas (conflito entre uma exigência interna e uma realidade exterior ao próprio sujeito). Isto é visível no exemplo a seguir:

as crianças, que as conduzam a avançarem para outros níveis de desenvolvimento.

Assim, é importante destacar que:

A escrita alfabética constitui o final desta evolução. Ao chegar a este nível, a criança já franqueou a “a barreira do código”; compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba, e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever. Isto não quer dizer que todas as dificuldades tenham sido superadas: a partir desse momento a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, e, mas não terá problemas de escrita, sentido estrito. Parece-nos importante fazer esta distinção, já que amiúde se confundem as dificuldades ortográficas com as dificuldades de compreensão do sistema de escrita. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985, p.213).

Desta forma, estamos entendendo alfabetização como um processo, que deve privilegiar a interação da criança com seu objeto de conhecimento, que nesse caso, é a escrita. E que a medida que ela vai interagindo com esse objeto, ela vai criando hipóteses sobre ele, vai avançando nos níveis de compreensão que tem sobre a escrita. É importante o que Vygostky fala que além da interação com o objeto de conhecimento nesse processo de desenvolvimento do indivíduo ele aprende também na relação que, estabelece com o outro daí vem a grande importância da escola, da família, da cultura e da sociedade no processo de aprendizagem.

2.3 A ESCOLA, A CRIANÇA, A FAMÍLIA E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A criança quando vai para a escola está aprendendo e se desenvolvendo, conhecendo coisas novas, fazendo novas amizades, aprendendo a dividir seus objetos (brinquedos), a respeitar o próximo, e nessa fase a criança precisa de total atenção dos pais e dos professores. Com essa parceria, os pais precisam se conscientizar que é através do seu apoio e da participação na escola que a criança se tornará um ser crítico e autônomo. Pois,

A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez que escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos. (REIS, 2007, p.6)

A importância da família reside na tarefa de educar e fazer florescer no âmago da criança valores que façam com que os princípios da civilidade e do respeito

prevaleçam nas relações sociais. Ressaltando que a criança espelha a família, e que o exemplo dos pais possui o poder de moldar o caráter dos filhos.

A família, como base da criança, deve contribuir para o seu aprendizado procurando conhecer o ambiente onde a criança estuda, seria importante a família visitar a escola semanalmente demonstrando interesse em conhecer amigos, professores, funcionários, para que a criança perceba que não está sozinha naquele ambiente novo ou diferente de sua casa, a criança precisa sentir segurança e estimulada para obter êxito no âmbito escolar.

As primeiras experiências educacionais da criança geralmente são proporcionadas pela família. Depois de nascer, a criança começa a sofrer influências familiares que, aos poucos vão modelando seus comportamentos: a roupa que deve vestir, a alimentação que deve tomar em determinados horários, as horas em que deve dormir. Mas tarde, é treino para que fale, para que não faça xixi na roupa, etc. (PILETTI, 1996, p.274)

A família é a estrutura que a criança precisa para o seu desenvolvimento escolar e na vida social, e é na família que deve ter confiança para resoluções e conflitos não só dentro da escola como também fora dela, que é o lugar onde passará uma boa parte do seu tempo, sendo assim a escola terá que aproveitar o máximo desse tempo para trabalhar com essa criança de forma lúdica e proveitosa, contando sempre com o apoio da família.

A ausência da família poderá trazer grandes riscos para vida escolar da criança, ocasionando até mesmo o afastamento da escola, a criança nos anos iniciais ainda é muito dependente dos pais ou responsáveis, e por esse motivo necessita do apoio, do carinho, afeto, proteção, respeito da família para que possa ter um aprendizado significativo.

A família na vida de um ser humano e tem como responsabilidade a formação moral, tem também a responsabilidade de acompanhar e ser parceira da escola no desenvolvimento de seu ente, pois a aprendizagem está totalmente relacionada ao convívio social do sujeito com o meio, isto é, com a família.

Os laços afetivos formados na família contribuem com a aprendizagem. Esse processo depende muito da afetividade e interesse que os pais tenham pelos filhos, grande parte do crescimento escolar positivo vem dos pais e a outra parte vem dos professores. Considerando que:

As dificuldades de aprendizagem, muitas vezes, estão relacionadas a algum transtorno de aprendizagem que pode ser definido como um impedimento psicológico ou neurológico para desempenhar a linguagem oral, escrita ou até mesmo para condutas em gerais. A família assume um papel indispensável em relação à formação do caráter da criança, pois é através dela que a criança é inserida na sociedade. (DE PAULA, 2012, p.139)

Desde o século XIX que há uma discussão entre educar e instruir. Vale ressaltar que educar não é função exclusiva da escola, uma vez que a grande maioria dos pais acredita que ensinar e educar são somente papel do professor. A família que é participativa na escola, a criança pode melhorar sua autoestima, seu desempenho, sentir prazer em ir para escola fazer suas tarefas, e os docentes sentem mais seguros para lidar com qualquer tipo de problema relacionado a ela, pois, sabem que podem contar com o apoio da família.

Trabalhando na parceria escola e família a criança tem mais possibilidade de ter êxito no aprendizado. Outro ponto importante são os costumes da família: as crianças seguem exemplos, imitam atos que não saem de suas memórias. Se a criança tem o costume de ver os pais lendo livros, terá maior probabilidade de gostar de ler. Se tiver o costume de ver os pais com uma alimentação saudável da mesma forma terá maior probabilidade de desenvolver hábitos alimentares saudáveis.

Sabendo que a família tem papel importante na escolarização de seus filhos é possível dizer que crianças acompanhadas pelos responsáveis em seu processo de escolarização, tem maior probabilidade de sucesso. Na família temos as primeiras experiências de comunicação, de relação social, de resolução de conflitos e conhecimentos adquiridos antes da vida escolar, a partir dessa vida escolar os laços com o conhecimento se ampliam, mas é sempre necessária uma assistência familiar, o que falta é uma conscientização das famílias para a grande influência diante da formação de suas crianças.

3. PERCURSO METODOLÓGICO E CONTEXTO DA PESQUISA

Neste capítulo apresentamos as opções metodológicas da pesquisa. Descrevemos a abordagem, o tipo, os instrumentos e técnicas da pesquisa. Também tratamos do contexto da pesquisa, o campo e sujeitos envolvidos na geração dos dados.

Considerando que o objetivo proposto para a pesquisa, foi **refletir sobre as perspectivas, expectativas e contribuições ou não da família no processo de alfabetização das crianças** a abordagem da pesquisa caracteriza-se como qualitativa. O tipo de pesquisa pode ser distinguido como estudo de campo de caráter descritivo/exploratório, uma vez que fomos a campo com a intenção de ouvir e conhecer as percepções dos sujeitos da pesquisa que foram especialmente as famílias de crianças em processo de alfabetização com idades entre 6 e 7 anos. Assim, como a professora da escola que as crianças estudam.

A pesquisa qualitativa está voltada ao levantamento de dados sobre as circunstâncias de um grupo, em entender e analisar determinados comportamentos, expectativas e opiniões dos indivíduos de uma população (GIL, 2008). No nosso caso, também consideramos a pesquisa como exploratória, pois não teve o intuito de obter números como resultados, que possam nos indicar o caminho para tomar a decisão correta sobre o problema-questão.

Algo importante no modelo de investigação científica está no ponto de vista do pesquisador sobre a organização da pesquisa, na qualitativa, a opinião do pesquisador pode estar integrada a pesquisa, com isso os entrevistados estão mais livres para falar sobre o seu ponto de vista a respeito de determinados assuntos que estejam relacionados com o objeto de estudo (GIL, 2008). Assim, em uma pesquisa qualitativa as respostas não são objetivas, e não há o intuito de quantificar os resultados, mas sim conseguir entender o comportamento de determinado grupo ou comunidade.

O estudo de campo tem maior profundidade, ele procura muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis. (GIL, 2008). Conforme este mesmo autor, o planejamento do estudo de campo mostra maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo do processo de pesquisa. No estudo de campo estuda-se uma única comunidade ou grupo em termos de sua estrutura social, ou seja, reforçando a interação de seus componentes. Com isso tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação.

No caso deste trabalho, a comunidade investigada é a escola, e o grupo corresponde as famílias e a professora. A escola é pública e fica localizada na cidade de Brasília, em uma região que não é periférica. A escolha pela escola foi realizada por sua localidade e disponibilidade para a geração de dados. Foi feita uma visita na escola no segundo semestre de 2019 e foram apresentados os objetivos da pesquisa e assinada a autorização para a pesquisa.

A escola funciona nos turnos matutino e vespertino, tem 15 salas de aula. Atende 301 crianças de idade 6 a 10. Tem 34 servidores, entre eles, 16 professores regentes. A escola tem um Projeto Político Pedagógico, no entanto não nos foi disponibilizado. E ele não está acessível no site da Secretaria de Educação, o que dificultou um pouco para conhecermos a proposta da escola, suas tendências, filosofia e metodologias.

Fomos bem recebidas na escola, mas nossa intenção inicial era mais os sujeitos (famílias e professores) participassem da pesquisa, já que só no primeiro ano do ensino fundamental haviam quatro turmas na escola. Entretanto, somente uma professora concordou em participar da pesquisa. Ela mesma entrou em contato com as famílias e as entregou o termo de consentimento da pesquisa elaborado por nós. Das 21 famílias correspondentes as 21 crianças da turma. Somente 12 devolveram os questionários respondidos. Demoraram 09 dias para respondê-los.

O questionário é um instrumento de coleta de dados composto por questões a serem respondidas sem a intervenção direta do pesquisador. Tem como objetivo conhecer opiniões, interesses, crenças, etc. (GIL, 2008). Para este autor, um questionário pode ser composto de perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha. Esse instrumento visa recolher informações baseando-se, geralmente, na opinião de um grupo representativo da população em estudo.

Gil (2008) ainda afirma ainda que uma das vantagens do questionário está na possibilidade de abranger um maior número de pessoas, além de ser extremamente útil quando o investigador pretende recolher informações sobre um determinado tema. Entre as desvantagens do questionário está a impossibilidade de aplicá-lo a pessoas analfabetas; a possibilidade de que algumas perguntas fiquem sem respostas; e a dificuldade de estabelecer um conhecimento aprofundado de algo que posteriormente pode ser importante na análise da pesquisa.

O questionário elaborado para gerar os dados dessa pesquisa (ver Apêndice A – Questionário para famílias), continha questões que nos ajudaram a conhecer o perfil das famílias. Outro grupo de questões foi elaborado a fim de nos ajudar a identificar as

concepções dos familiares sobre a alfabetização. Este questionário também tinha o propósito de conhecer a rotina das famílias e as atividades que poderiam ou não contribuir para o processo de alfabetização. O outro questionário (Apêndice B – Questionário para a professora) foi elaborado para a professora e tinha a intenção de conhecer suas opções teóricas e metodológicas, assim como as da escola, assim como apreender sua percepção da participação das famílias no processo de alfabetização.

Os objetivos específicos da pesquisa eram: analisar as perspectivas e expectativas das famílias em relação à alfabetização das crianças do 1º ano do Ensino Fundamental; identificar atividades rotineiras e cotidianas das famílias que contribuam ou não para o processo de alfabetização; e conhecer o que é demandado pela escola às famílias no processo de alfabetização de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental. Assim, entendemos que o questionário com os familiares e a professora seria o instrumento de pesquisa mais adequado. Considerando que só cinco crianças foram autorizadas a participar da pesquisa, e a idade das mesmas, avaliamos ser a entrevista, a técnica mais interessante.

A entrevista constitui a segunda etapa da pesquisa. Caracterizam-se aqui como entrevistas semiestruturadas (MARCONI; LAKATOS, 2011) compostas por pautas (GIL, 2008). Isso significa que elas seguiram um roteiro (Apêndice B – Roteiro de entrevistas) como guia, que permitiu que as crianças entrevistadas e a entrevistadora terem mais liberdade para expressarem suas ideias. O roteiro para entrevista tentou atender as especificidades de que os sujeitos eram crianças em fase de alfabetização. A interação com as crianças foi muito boa. Elas foram receptivas e responderam a todas as questões que foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra.

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a definição das características de determinada população ou fenômeno ou estabelecendo uma relação entre variáveis. Porém, existem pesquisas determinadas como descritivas com base em seus objetivos, (que é o caso desta pesquisa) e estas proporcionam uma nova visão do problema, ou seja, quase se aproximando das pesquisas exploratórias (GIL, 2008). As pesquisas descritivas juntamente com as pesquisas exploratórias, são as que frequentemente os pesquisadores sociais se preocupavam com a atuação social.

Por fim, entendemos que esta investigação é exploratória, pois conforme Gil (2008) esta tem como objetivo possibilitar maior convivência com o problema, tornando-lhe mais compreensível, e podemos dizer que seu objetivo principal é a evolução de ideias ou a descoberta de intuições. Portanto, seu planejamento é bastante

flexível, de modo que permita a consideração dos mais variados aspectos relativos aos fatos estudados.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo tem a finalidade de analisar os dados gerados a partir da aplicação dos questionários, um direcionado para as famílias de uma turma de alunos do 1º ano do ensino fundamental e o outro para a professora desta classe; e de uma entrevista com 5 crianças dessa mesma turma. O objetivo da utilização destes instrumentos e técnicas de pesquisa foi o de refletir sobre as perspectivas, expectativas e contribuições ou não da família no processo de alfabetização das crianças.

4.1 AS CONCEPÇÕES, PERCEPÇÕES E EXPECTATIVAS DAS FAMÍLIAS SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

As primeiras perguntas do questionário para as famílias foram elaboradas a fim de traçar um perfil familiar, assim nas 4 primeiras questões procuramos saber: 1) Com quem a criança mora? Qual é a sua família? 2) Qual é o grau de escolaridade dos membros da família? 3) Qual a renda familiar? 4) O que a família costuma fazer no tempo livre com o filho(a)? Dê exemplos?

Conforme depreende-se da pergunta número 1, a maior parte possui uma estrutura de família formada pelo núcleo de pai e mãe e poucos filhos. A maioria dessas famílias possui apenas 1 filho. As respostas à pergunta número 2 demonstraram que as maiorias das mães e dos pais possuem apenas o ensino médio, porém observou-se que a mãe, em geral, tem um nível de escolaridade mais elevado. E, na questão 3, evidencia-se que a renda familiar dessas famílias entrevistadas é de 2 a 3 salários mínimos.

As famílias relataram que a maioria dos hábitos de lazer são idas ao shopping, parquinhos e passeios. Mas não especificaram que tipos de passeios. As exceções são uma família que incluiu a leitura de livros infantis e outra que utiliza jogos de tabuleiros. Nos chamou atenção essa família que utiliza seu tempo livre para ler livros e jogar com as crianças, uma vez que no mundo imediatista em que vivemos hoje, ter tempo livre já é algo inusitado.

Após traçar o perfil da família e saber um pouco sobre quem está respondendo os questionários, descrevemos e analisamos outras 10 perguntas, com objetivos distintos. Em um bloco de quatro perguntas, pode-se notar as concepções que as famílias têm sobre o que é e como é desenvolvida a alfabetização. As quatro perguntas

são: 8) Com quantos anos você acha que a criança deve ser alfabetizada? E por quê?; 10) O que você acha que a criança tem que aprender para se alfabetizar?; 11) Se você tivesse que alfabetizar seu filho(a), com que atividades/estratégias faria isso? e 14) Seu filho tem aula de “reforço” para aprender a ler e escrever? Por que decidiu isso?

Conforme a pergunta de número 8, metade das famílias acreditam que a maioria das crianças devem ser alfabetizadas com 6 e 7 anos e os outros acham que seria com 4 e 5 anos. Exceção de 2 famílias que acreditam que seria com 3 anos. Entendemos que não existe uma idade certa para aprender a ler e escrever. No primeiro capítulo deste trabalho e os estudos de Vygotsky sobre desenvolvimento e aprendizagem e o conceito de zona de desenvolvimento proximal nos ajudam a entender que são as experiências de aprendizagem, as interações que as crianças estabelecem com os seus pares, a cultura e a sociedade que vão incidir no desenvolvimento das crianças.

Hoje em dia o governo brasileiro se posiciona através do PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2012) e apresenta um compromisso com o governo Federal de obrigatoriedade de “Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental”. Ou seja, conseguimos ver que oficialmente no ensino público do Brasil, espera-se que os alunos saibam escrever e ler por volta de 8 a 9 anos de idade.

Na pergunta número 10, a maioria das famílias respondeu que as crianças precisam aprender a ler e escrever bem para serem consideradas alfabetizadas. Segue duas respostas que exemplificam isto: “*Ler e escrever, compreendendo o que esta lendo e escrevendo*” (Fam. 01, questionário, 2019), e “*Eu acredito que primeiro de tudo ela deve aprender a importância da leitura e o quanto isso é e será importante para o futuro dela*”. (Fam. 09, questionário, 2019).

E na pergunta número 11, a maioria das famílias respondeu que alfabetizariam seus filhos de forma lúdica, com jogos educativos, lendo historinhas infantis, ensinando as cores e utilizando exercícios lúdicos.

Entendemos que o processo de alfabetização de crianças deve ser realizado com prazer e construção é que a estratégia lúdica vem se configurando como uma importante ferramenta para o desenvolvimento infantil e aquisições formais.

Por meio de uma aula lúdica, o aluno é estimulado a desenvolver sua criatividade e não a produtividade, sendo sujeito do processo pedagógico. Por meio da brincadeira o aluno desperta o desejo do saber, a vontade de participar e a alegria da conquista. Quando a criança percebe que existe uma sistematização na proposta de uma atividade dinâmica e lúdica, a brincadeira

passa a ser interessante e a concentração do aluno fica maior, assimilando os conteúdos com mais facilidades e naturalidade. (KISHIMOTO, 1994, p. 97).

A exceção dessa compreensão de alfabetizar de forma lúdica, três famílias disseram que alfabetizariam utilizando o método antigo. As respostas limitaram-se somente a escrever “método antigo”. Assim, nos questionamos sobre o que estão entendendo por isso. Nossa primeira impressão é que estavam vinculando o termo “método antigo” a Tendência Liberal Tradicional (LIBÂNEO, 1992), mas também ao método de silabação, que conforme Ferreiro e Teberosky (1986), primeiro a criança domina o alfabeto (letra por letra), depois as sílabas, as palavras, frases e finalmente textos.

Conforme a pergunta número 14, das 12 famílias respondentes, 11 informaram que as crianças não fazem aula de reforço. Neste universo, uma família deu uma resposta muito interessante: *“Não faz reforço, mas na antiga escola tinha, por determinação da própria escola e eu gostava muito, é de extrema importância reforçar o que se aprende, e eu procuro está sempre reforçando em casa, tudo o que ele aprende na escola. Sempre separo momentos vagos para isso”*. (Fam. 03, questionário, 2019). Exceção de uma família que a criança faz aula de reforço.

O outro grupo de quatro perguntas do questionário buscou notar a participação que a família tem na vida escolar de seu filho(a). As quatro perguntas são: 5) Quais são os tipos de tarefa de casa que a escola demanda para seu filho(a)? E como a escola orienta o seu envolvimento e dos demais membros da família nas tarefas de casa?; 6) Como é a participação da família na vida escolar de seu filho(a)?; 9) Você acha que seu filho(a) já está alfabetizado? Quais suas expectativas para a alfabetização de seu filho(a)?; e 12) Você sabe que método a escola de seu filho(a) utiliza para alfabetizar? Qual é?

Conforme compreende-se da pergunta número 5, a maioria diz que, de segunda a quinta-feira, as crianças possuem tarefas para casa nos diversos livros e cadernos e na 6ª feira a atividade é um livro para a leitura. Os pais responderam, também, que a escola pediu para que eles incentivem a criança a fazer as atividades sem auxílio e que só ajudem a responder as dúvidas e, depois de finalizado, que eles corrijam junto com os filhos. Três famílias não responderam a essa pergunta.

Entendemos que a orientação da escola de que as crianças precisam ter autonomia para a realização das tarefas é importante, pois segundo Piaget (1998), o conhecimento de mundo é construído pelo indivíduo a partir de seus conhecimentos

anteriores e, em contrapartida, o sujeito também revisita e reorganiza seus conhecimentos prévios para adaptá-los ao que acaba de ser aprendido. É um processo duplo, de assimilação e acomodação.

Por outro lado, a orientação de que a família deve corrigir junto com as crianças as tarefas, no nosso entendimento, pode ser algo perigoso. Pois, a família pode não ter conhecimento de que o erro faz parte do processo de construção do conhecimento. E assim, inibir ou constranger a criança que está se esforçando para compreender a funcionalidade da escrita e da leitura. Assim, é importante considerar que:

[...] erros construtivos, isto é, respostas que se separam das respostas corretas, mas que, longe de impedir alcançar estas últimas, pareceriam permitir os erros posteriores (A regularização dos verbos irregulares, entre 2 e 5 anos, não é um fato “patológico”, não é um índice de futuros transtornos, muito pelo contrário) (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985, p.23).

Na pergunta número 6, a maioria das famílias participa de reuniões, festas e eventos da escola. E outras 7 famílias também participam de projetos educativos, conversam com o professor(a) na porta da sala, desenvolvem algumas atividades como contação de história, participam de algumas aulas e passeios.

E na pergunta 9 sobre o entendimento da família se a criança já está alfabetizada, 7 acreditam que ainda não estão alfabetizadas por completo, mas suas expectativas são as melhores para que elas aprendam cada vez mais. Dentre essas famílias, uma delas deu uma resposta interessante que evidencia o que ela entende e como participa do processo de alfabetização do seu filho: *“não por completo, acredito em etapas e teve uma evolução significativa na alfabetização continuar assim irá colher grandes frutos”* (Fam.04, questionário, 2019). Outras 5 famílias disseram que seu filho(a) está sim alfabetizado, pois já sabem ler e escrever.

Concordamos com Ferreiro (1985), de que a alfabetização não é um estado e sim um processo, “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola é que não termina ao finalizar a escola primária” (FERREIRO, 1985, p.17). Assim a ideia que alfabetizar é só ler e escrever como algumas famílias pensam deve ser questionada. A resposta a esta questão está ligada também a pergunta número 10, quando as famílias também disseram que as crianças só estão alfabetizadas quando aprendem a ler e escrever.

A pergunta número 12 questionava de forma direta sobre o conhecimento dos pais a respeito do método utilizado pela escola para alfabetizar, o curioso é que a

maioria das famílias não respondeu a esta pergunta. Entretanto, das famílias que responderam, duas disseram que não sabem qual o método e outras 4 falaram que sabem, e descreveram o método utilizado como atividades para o raciocínio do aluno, rodinhas de contação de histórias, músicas, imagens associadas a palavras. E uma família sugeriu que a professora utilize uma escala para saber qual nível em que a criança está, para estimulá-la a alcançar o nível mais elevado, com exercícios, atividades individuais e coletivas.

As perguntas número 7 e 13 trabalham propriamente os conceitos de perspectiva e expectativa das famílias quanto à alfabetização de seus filhos. A pergunta número 7 fala sobre a percepção que a família tem quanto à própria participação na vida escolar dos filhos, pois pede para os pais descreverem o que eles praticam com os filhos e que consideram relevante para o processo de alfabetização, ou seja, como eles estão contribuindo no dia a dia com a aprendizagem de seus filhos. E a pergunta número 13 trata sobre a expectativa da família quanto ao desenvolvimento da criança e o trabalho da escola, pois ao perguntar sobre a satisfação dos pais com o desenvolvimento do filho, acaba-se revelando o que os pais esperam da escola. As duas perguntas são: 7) Descreva o que na rotina da família contribui ou não para a alfabetização do seu filho(a)? e 13) Você está satisfeito com o desenvolvimento e a aprendizagem do seu filho(a)? Justifique?.

Ao analisar as respostas à pergunta número 7, depreende-se que alguns não conseguiram compreender o enunciado da pergunta, pois deram respostas aleatórias ou não responderam. Porém, algumas famílias falaram que leem historinhas, que também trabalham algumas atividades do dia a dia com orientações educativas como, por exemplo, ir ao supermercado, onde há opções de leitura por toda parte e muitas placas indicativas ou escolher o jantar, momento em que as crianças colaboram dizendo o nome dos ingredientes e as suas medidas. Apontaram também que orientam nos deveres de casa e buscam oferecer brinquedos educativos.

O fato de algumas famílias falarem sobre a rotina do dia a dia que contribuem para o processo de alfabetização como a ida ao supermercado, demonstra à compreensão que a alfabetização está vinculada a utilização da leitura e da escrita como prática social, pois são utilizados ao ir ao supermercado, para ler os produtos, placas, enunciados e preços.

Já a pergunta número 13 revela que a maioria das famílias está satisfeitas com o desenvolvimento e aprendizagem da criança, pois eles tiveram uma excelente evolução

na escrita de palavras, na leitura e na utilização dos números (soma e subtração). Algumas respostas demonstram esta satisfação: *“Sim, ele tem a cada dia evoluído bastante, sua leitura e escrita tem sempre melhorado, e isso sem duvida ajuda muito ele, pois pode saber onde está, o que está acontecendo em muitos casos através da leitura. Antes sempre perguntava o que estava escrito na TV, nas placas... Agora já consegue fazer tudo isso sem ajuda”* (Fam.09, questionário, 2019). Outras respostas foram as seguintes: *“sim estou bem contente com o desenvolvimento e aprendizagem da minha filha, pois ela já sabe escrever, ler, também sabe fazer letra cursiva”* (Fam.10, questionário, 2019) e *“estou muito satisfeita. Ela veio de escola particular sem ao menos escrever o nome e hoje na escola já constrói textos com lógica e sequencias”* (Fam.11, questionário, 2019).

O fato de uma das famílias revelar estar satisfeita com o desenvolvimento da criança, pois a mesma já sabe se localizar utilizando placas e ler o que está escrito na TV, demonstra a compreensão que a alfabetização está vinculada a utilização da leitura e da escrita como prática social. O que consideramos muito importante, pois rompe com aquela compreensão de que para estar alfabetizado, basta decodificar ou codificar alguns símbolos. Por outro lado, nos preocupa a família que diz estar contente pelo fato da criança utilizar a letra cursiva, pois entendemos que isto não é tão significativo no processo de alfabetização.

De maneira geral, as respostas das famílias indicam que as crianças possuem um bom desempenho escolar e que são, em sua maioria, acompanhados e incentivados pelos pais. Contudo, essa é a visão que os pais possuem sobre sua contribuição no processo de alfabetização de seus filhos, ou seja, a perspectiva que possuem quanto ao papel que exercem na aprendizagem na vida escolar e fora dela, bem como suas expectativas quanto ao trabalho da escola, que se mostraram bastante positivas. A fim de contrastar esse ponto de vista com outras perspectivas, essas respostas serão comparadas com as dadas pela professora e por cinco crianças dessa turma, a quem foram feitas perguntas semelhantes, por meio de questionário e entrevista, respectivamente.

4.2 O OLHAR DA PROFESSORA SOBRE O ENVOLVIMENTO DAS FAMÍLIAS E O PAPEL DA ESCOLA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS

O questionário para a professora foi elaborado de forma a traçar nas 4 primeiras perguntas um perfil profissional. As quatro primeiras perguntas são: 1) Qual a sua formação inicial?; 2) Fez Pós-graduação? Se sim, em quê?; 3) Quanto tempo tem de docência? e 4) Há quanto tempo trabalha com turmas de alfabetização?

Com isso, o perfil da professora é de uma pessoa que cursou Magistério/Letras, e fez pós-graduação em Desenvolvimento Humano (Inclusão Escolar). Tem 29 anos de trabalho na área da educação sendo, 19 em regência e mais 10 de direção/coordenação pedagógica. Trabalha com turmas de alfabetização a cerca de 16 anos.

Sabendo um pouco sobre quem está respondendo o questionário, foram realizadas outras 10 perguntas, com objetivos distintos. Em um bloco de três perguntas, pode-se notar a percepção da professora quanto a atuação dos pais no processo de alfabetização dos filhos. Essas informações são importantes para compreender como é o envolvimento dessas famílias na vida escolar dos filhos, se acompanham ou não as atividades desenvolvidas pela escola. As três perguntas eram: 5) Como é a participação dos pais na escola? Participam de reuniões, festas, eventos, e/ou outras atividades?; 6) O que você espera dos pais no processo de alfabetização? e 9) Como você vê a expectativa dos pais em relação a alfabetização das crianças? Contribui ou não para que elas cheguem ao nível alfabético?

De acordo com a professora Kátia,² “a atuação dos pais no processo de alfabetização dos filhos é legal e eles participam e trabalham em parceria” (Profa. Kátia, questionário, 2019). Por outro lado, Kátia escreveu que as famílias chegam ansiosas para verem os filhos lendo e escrevendo. “Às vezes, a ansiedade atrapalha, pois eles querem que etapas sejam queimadas”.

Já o outro grupo, de quatro perguntas, buscou notar as práticas de alfabetização utilizada pela escola. Nosso intuito era saber se a forma como a escola trabalha e as posições teóricas e metodológicas favorecem ou não o processo de alfabetização das crianças, assim, como se contribui ou não para o envolvimento e participação das famílias nesse processo. Assim, as quatro perguntas eram: 7) Quais tipos de tarefa de casa são enviados para casa?; 10) Quais estratégias e metodologias você utiliza no

² Nome fictício para preservar o anonimato da professora.

processo de alfabetização?; 11) Como a escola se posiciona sobre a idade da criança ser alfabetizada? e 12) Qual o método/teorias que a escola adota para fundamentar o que defende por alfabetização?

A professora Kátia manda como tarefa de casa atividades nos livros, em folhas e também em cadernos específicos e utiliza o método silábico e fonético. Ela não informou quais estratégias ela utiliza no processo de alfabetização. Ela apenas falou como são as tarefas de casas, porém não nos mostrou nenhuma e nem exemplificou elas. Ela respondeu que *“A escola orienta os professores a utilizarem o método fonético”* (Profa. Kátia, questionário, 2019). E respondeu também que *“Para a escola as crianças devem ser alfabetizadas até o 2º ano.”* (Profa. Kátia, questionário, 2019).

A professora nos respondeu que utiliza dois métodos, o silábico e fonético. Para Ferreira e Teberosky (1985) o método fonético propõe que se parte do oral. A unidade mínima de som da fala é o fonema. Com isso, as crianças aprendem os sons das vogais. Em seguida, o professor apresenta algumas consoantes, das mais simples (t, v, f) para as mais complexas (aquelas que possuem mais de um som, como “s”). E o método silábico ele insiste, na correspondência entre o oral e o escrito, entre o som e a grafia. Outra coisa interessante desse método é estabelecer a correspondência a partir dos elementos mínimos (letras), e num processo que consiste em ir das partes ao todo. A palavra já explica a pessoa vai ser alfabetizada por meio das sílabas, o famoso “ba-be-bi-bo-bu”. O professor começa apresentando as mais simples e depois segue para as complexas (como “tra”, “lha”, “nho”).

Porém, no nosso trabalho, concordamos com Emilia Ferreira (1985), sobretudo quando propõe: valorizar os conhecimentos que os alunos já têm; sempre considerar o universo sociocultural em que estão inseridos; fazer avaliações constantes sobre o processo de aprendizagem, de forma flexível; propiciar contextos de interação e colocar o professor como mediador, que faz intervenções no processo de descoberta das crianças. (Ferreira, 1985)

Em um bloco de três perguntas, pode-se notar a percepção que a escola tem sobre sua contribuição para a participação da família na vida escolar dos filhos. Essas informações são importantes para compreender como é o envolvimento dessas famílias na vida escolar dos filhos, se acompanham ou não as atividades desenvolvidas pela escola. As três perguntas eram: 8) E o que você espera e como orienta a participação da família na tarefa de casa?; 13) O que a escola faz para que os pais tomem conhecimento da proposta pedagógica da escola, no que se refere ao processo de alfabetização? e 14)

O entendimento dos pais sobre o que é alfabetização, atrapalha ou ajuda você e as crianças no processo de alfabetização?

De acordo com a professora Kátia, a escola contribui com reuniões pedagógicas no início do ano letivo para a participação da família na vida escolar do filho. Informou que eles convidam as famílias para festas e eventos na escola e buscam orientá-los de como ajudar nas realizações de tarefas de casa dos filhos, sempre pedindo para eles incentivarem a autonomia dos filhos na realização das tarefas. Contudo ela não respondeu a questão 14.

4.3 O QUE PENSAM AS CRIANÇAS SOBRE SEU PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E A PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS?

As crianças entrevistadas tinham 6 ou 7 anos e estão cursando o primeiro ano do Ensino Fundamental, a maioria possui uma estrutura de família tradicional, formada pelo núcleo de pai e mãe e poucos filhos. A maior parte das mães e dos pais possui apenas o ensino médio, porém observou-se que a mãe, em geral, tem um nível de escolaridade mais elevado, a renda familiar dessas famílias é de 2 a 3 salários mínimos.

Após traçar o perfil das crianças e saber um pouco mais sobre a família delas, foram realizadas outras 11 perguntas, com objetivos distintos. Em um bloco de quatro perguntas, pode-se notar a noção que a criança tem sobre o que é, e como é ser alfabetizada. As quatro perguntas eram: 7) Com quantos anos você acha que uma criança aprende a ler e a escrever?; 8) Como você acha que o professor(a) deve ensinar uma criança a ler?; 9) Como você acha que o professor(a) deve ensinar uma criança a escrever? e 11) O que é ser alfabetizado?

Na pergunta número 7 as crianças responderam que com 6, 7, 8, 9 anos que as crianças aprendem a ler e escrever. Na pergunta número 8 dentre as crianças entrevistadas, algumas delas responderam que a professora deveria ensinar a ler assim “*Repetindo o alfabeto*” (Crian.04, entrevista, 2019) e outra diz “*A tia colocando palavrinhas no quadro e a gente vai lendo e escrevendo junto com ela e depois escrevemos no papel.*”(Crian.03, entrevista, 2019).

Conforme a pergunta número 9, as crianças entrevistadas responderam quase a mesma coisa da pergunta número 7, falaram que a professora deve ensinar a escrever assim “Com o alfabeto e colocando palavrinhas no quadro para a gente copiar”.

Exceção de uma que respondeu assim “*A tia tem que ensinar cursivo para a gente aprender a escrever*”

Conforme entendemos, que no entendimento das crianças para aprender a ler e escrever é da mesma forma. Qual será o motivo das crianças reponderam a mesma coisa nas duas respostas? Será que para elas terem esse entendimento elas apenas fazem cópias na escola? Lembrando que são crianças do 1º ano e que seu desenvolvimento alfabético está no início

E já na pergunta número 11, todas responderam que não sabem o que é ser alfabetizada. Ao verificar que as crianças não conseguiram responder a essa pergunta, percebemos que ela não foi bem formulada por nós, pois pode ser que não temos considerado a idade das crianças. Por outro lado, também foi importante saber que elas desconhecem o que é “ser alfabetizado”, pois é possível inferir que não é comum essas crianças serem cobradas e ouvirem na escola e de seus pais expressões do tipo: você precisa estar alfabetizada até o fim do ano! Ou ainda: Você ainda não está alfabetizado?

O outro grupo que contendo três perguntas buscou notar os hábitos de lazer e estudos relatados pelas crianças e como estas se relaciona com práticas sociais de leitura e de escrita. As três perguntas são: 1) O que você faz no seu tempo livre com sua família?; 4) Você costuma fazer outras atividades/tarefas em casa que não são as tarefas da escola? Me fale um pouco sobre isso e 5) Você tem outros professores, que não são os da escola? O que eles te ensinam?

Na pergunta número 1, as crianças falaram que no seu tempo livre elas brincam de bicicleta, vão ao shopping e no parquinho. Exceção de uma criança que disse que vai ao cinema também. Conforme a pergunta número 4, a maioria disse que não costuma fazer outras atividade/tarefa em casa que não seja tarefa de casa da escola. Exceção de uma criança que diz que ler livrinhos infantis e fica no celular tentando aprender outras coisas que ela não sabe.

Das 5 crianças, 3 disseram que não tem outros professores que não são da escola. Exceção de duas crianças que tem outros professores de balé, judô e capoeira. Isso foi importante para percebermos que as famílias não estão tão preocupadas ao ponto de pagarem professores particulares e investirem recursos financeiros para acelerar e/ou sanar alguma dificuldade que a escola não tem dado conta neste processo de alfabetização das crianças.

Em um bloco de quatro perguntas, pode-se notar a participação e as expectativas das famílias, na percepção das crianças, do processo de alfabetização das mesmas. Elas

são: 2) Na sua casa tem alguém costuma ler pra você? Se isso acontece, como é este momento? O que costumam ler?; 3) Você gosta quando a família ajuda você a fazer a tarefa de casa? Por quê? e 6) Você acha que sua família fica feliz quando você lê e escreve pra eles? Por que acha isso? E na outra pergunta pode se notar como a criança acha que a família deve proceder para ajudá-la no seu processo de alfabetização, sendo a pergunta: 10) Como você gostaria que a tua família te ajudasse a aprender a ler e escrever?

Na pergunta número 2, a maioria disse que sim, que os pais ou a irmã, leem gibis, historinhas infantis e às vezes os deveres para elas em casa. E acham que é um momento importante, porém, não souberam falar o porquê de ser importante. Exceção de uma criança que disse que ninguém na casa dela lê para ela. Ao analisarmos as falas das crianças nos remetemos às respostas dadas nos questionários pelas famílias, pois são divergentes, já que em um universo de 12 famílias, só uma diz ter o hábito de ler para o filho.

Conforme na pergunta número 3, *todas responderam que gostam quando a família ajuda nas tarefas para casa, porque ajudam nas dificuldades lendo ou escrevendo palavras que não conhecem e porque eles pedem para as crianças lerem para aprenderem mais.*

Já na pergunta número 6, de acordo com as minhas análises todas as crianças falaram que as famílias ficam felizes por elas, uma delas deu uma resposta que despertou nossa atenção: “*Sim. Porque estou aprendendo a ler e escrever*”. (Crian. 05, entrevista, 2019) e outra diz: “*Sim. Porque eles sempre me dão parabéns*”. (Crian. 04, entrevista, 2019)

Na pergunta número 10, uma parte respondeu que gostaria que a família escrevesse palavrinhas e o alfabeto no papel para elas copiarem. Exceção de uma criança que disse que gostaria que a família lesse mais gibis e historinhas para ela. Novamente as crianças demonstraram estar entendendo que o fato de copiarem as palavras pode ajudá-las no desenvolvimento da leitura e escrita. Isto nos chamou atenção, uma vez que, entendemos ser necessário conhecer o alfabeto para consolidar algumas capacidades e alcançar o nível alfabético, mas a “cópia” de palavras por si só não é suficiente para que a criança sistematize a língua.

Por outro lado, quando a criança diz que gosta que a família leia e escreva pra ela, é importante, pois observar como os adultos e/ou parceiros mais experientes usam a

leitura e a escrita pode ajudá-las a avançar e confrontar as hipóteses que elaboram na tentativa de conseguir escrever e ler.

Podemos dizer que os questionários e as entrevistas nos ajudaram na compreensão do nosso objeto de estudo, apesar de não termos conseguido alcançar todos os sujeitos que gostaríamos, pois em um universo de 04 turmas da escola escolhida para campo da pesquisa, somente a professora de uma turma permitiu a pesquisa. E, além disso, de uma turma de 21 crianças, somente 12 famílias concordaram em participar da pesquisa e só 5 autorizaram entrevistar as crianças. Talvez se mais pessoas respondessem ao questionário, poderíamos ter um melhor retrato dos dados e outras possibilidades de análises. Mesmo assim é possível inferir que seja do ponto de vista da escola representada pela professora, seja pela família e seja pela própria criança, a percepção é que as mesmas estão se desenvolvendo bem e não descrevem grandes problemas no processo de alfabetização.

Mesmo não sendo possível constatar e descrever mais detalhadamente que os hábitos das famílias estão contribuindo para o processo de alfabetização, foi possível inferir que as expectativas das famílias em relação a alfabetização das crianças não as tem prejudicado, uma vez que não se sentem pressionadas a ler e escrever, e relataram que gostam da participação e ajuda da família nas tarefas da escola. Nas considerações finais deste trabalho procuramos sintetizar nossas impressões e conclusões de forma sistematizada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tinha o objetivo geral de refletir sobre as perspectivas, expectativas e contribuições ou não da família no processo de alfabetização das crianças. As principais referências teóricas utilizadas foram Carvalho (2005), Emília Ferreira; Ana Teberosky (1985), Piaget (1967) e Vygotsky (1989) e outros. A abordagem é qualitativa e as principais técnicas e instrumentos de pesquisa são a entrevista e o questionário. Caracterizou-se como estudo de campo de caráter descritivo/exploratório. Os sujeitos foram 05 crianças e 12 famílias de alunos do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública e a professora desta turma.

Os objetivos específicos eram: analisar as perspectivas e expectativas das famílias em relação à alfabetização das crianças do 1ª ano do Ensino Fundamental; identificar atividades rotineiras e cotidianas das famílias que contribuam ou não para o processo de alfabetização; conhecer o que é demandado pela escola às famílias no processo de alfabetização de crianças do 1ª ano do Ensino Fundamental.

De acordo com as respostas obtidas nos questionários ficou comprometida a identificação das tarefas que a escola demanda como tarefa de casa, pois a professora só nos respondeu superficialmente, não deu detalhes, ela também não explicou as estratégias utilizadas no processo de alfabetização.

Mesmo sabendo que as atividades rotineiras e cotidianas influenciam no processo de alfabetização, poucas famílias conseguiram nos relatar quais são essas atividades. Conseguimos notar conforme a professora, que as perspectivas das famílias em relação a alfabetização das crianças algumas vezes podem acabar atrapalhando esse processo, que para eles alfabetizar é apenas aprender a ler e escrever. No entanto, com base nos questionários respondidos pelas famílias e as entrevistas com as crianças, não conseguimos identificar situações em que as expectativas das famílias estejam atrapalhando esse processo. As famílias demonstraram estar satisfeitas com o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, pois eles tiveram uma excelente evolução na escrita de palavras, na leitura.

Esperamos que esse trabalho possa contribuir para futuros estudos voltado para a integração entre alunos/estudantes - família – escola - processo de aprendizagem das crianças, no que se refere a alfabetização.

PERSPECTIVAS FUTURAS

Pretendo terminar este curso e seguir a carreira de professora na área da educação infantil. Vou sempre procurar me especializar, fazer cursos e dar o melhor para meus alunos, pois foi sempre o “melhor” que recebi dos meus professores.

REREFÊNCIAS

ANETE, Dillmann de Paula. **A Influência da Família no Processo de Alfabetização** Revista thema, v.9, nº2, 2012.

ASSIS, ALICE. Luca; Vagner Alves: **A influência dos pais na aprendizagem das crianças**. Revista teoria e prática da educação. V.12, nº2, p.207, maio/agosto. 2009.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 12. Ed. –Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSK, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Medicas 1985.

FERREIRO, Emília. **Cultura Escrita e Educação**, Porto Alegre: Ed. Artmed, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6- ed- São Paulo: Atlas, 2008.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: **Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1992.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

PAROLIN, Isabel. **Relação Família e Escola: Revista atividades e experiências**. Positivo, 2008.

PIAGET, Jean **Psicologia e pedagogia**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense;1998.

PIAGET, Jean **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

PILETTI, Nelson: **Psicologia Educacional**, São Paulo: editora Ática, 1996.

PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade, 2018. Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/pnaic-pacto-nacional-pela-alfabetizacao-na-idade-certa/>. Acesso em: 15/10/2019.

REIS, Risolene Perreira. In. **Mundo jovem**, nº373. Fev. 2007. (Brasil, Ministério da educação,2002) (C.F, Mec,2003).

REGO, Tereza Cristina, Vygotsky: **Uma perspectiva Histórico-Cultural da Educação**. Rio de Janeiro, Vozes, 1999.

VYGOTSKY, Lev: **Obras Escogidas**: problemas de psicologia geral. Gráficas Rogar. Fuenlabrada. Madrid, 1982.

VYGOTSKY, Lev: **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA PAIS

1) Com quem a criança mora? Qual é a sua família?

2) Qual é o grau de escolaridade dos membros da família?

3) Qual a renda familiar?

() 1 salário mínimo ou menos

() 2 ou 3 salários mínimos

() 4 ou 5 salários mínimos

() 6 salários mínimos ou mais

4) O que a família costuma fazer no tempo livre com o filho(a)? Dê exemplos?

5) Quais são os tipos de tarefa de casa que a escola demanda para seu filho(a)? E como a escola orienta o seu envolvimento e dos demais membros da família nas tarefas de casa?

6) Como a participação da família na vida escolar de seu filho(a)?

() Participa de festas e eventos

() Participa de reuniões

() Participa de projetos educativos

() Desenvolvem algumas atividades como contação de histórias, aula passeio

() Converso com o professor (a) na porta da sala

() Outro: _____

7) Descreva o que na rotina da família contribui ou não para a alfabetização do seu filho(a)?

8) Com quantos anos você acha que a criança deve ser alfabetizada? E por quê?

9) Você acha que seu filho(a) já está alfabetizado? Quais suas expectativas para a alfabetização de seu filho (a)?

10) O que você acha que a criança tem que aprender para se alfabetizar?

11) Se você tivesse que alfabetizar seu filho(a), com que atividades/estratégias faria isso?

12) Você sabe que método a escola de seu filho(a) utiliza para alfabetizar? Qual é?

13) Você está satisfeito com o desenvolvimento e a aprendizagem do seu filho(a)? Justifique?

14) Seu filho tem aula de “reforço” para a aprender a ler e escrever? Por que decidiu isso?

APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS

- 1) O que você faz no seu tempo livre com sua família?
- 2) Na sua casa tem alguém costuma ler pra você? Se isso acontece, como é este momento? O que costumam ler?
- 3) Você gosta quando a família ajuda a fazer a tarefa de casa? Por quê?
- 4) Você costuma fazer outras atividades/tarefas em casa que não são as tarefas da escola? Me fale um pouco sobre isso.
- 5) Você tem outros professores, que não são os da escola? O que eles te ensinam?
- 6) Você acha que sua família fica feliz quando você lê e escreve pra eles? Por que acha isso?
- 7) Com quantos anos você acha que uma criança aprende a ler e a escrever?
- 8) Como você acha que o professor(a) deve ensinar uma criança a ler?
- 9) Como você acha que o professor (a) deve ensinar uma criança a escrever?
- 10) Como você gostaria que a tua família te ajudasse a aprender a ler e escrever?
- 11) O que é ser alfabetizado?

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO PARA A PROFESSORA

- 1)Qual a sua formação inicial?**
- 2)Fez Pós-graduação? Se sim, em quê?**
- 3)Quanto tempo tem de docência?**
- 4)Há quanto tempo trabalha com turmas de alfabetização?**
- 5) Como é a participação dos pais na escola? Participam de reuniões, festas, eventos, e/ou outras atividades?**
- 6)O que você espera dos pais no processo de alfabetização?**
- 7)Quais tipos de tarefa de casa são enviados para casa?**
- 8)E o que você espera e como orienta a participação da família na tarefa de casa?**
- 9)Como você vê a expectativa dos pais em relação a alfabetização das crianças? Contribui ou não para que elas cheguem ao nível alfabético?**
- 10)Quais estratégias e metodologias você utiliza no processo de alfabetização?**
- 11)Como a escola se posiciona sobre a idade da criança ser alfabetizada?**
- 12)Qual o método/teorias que a escola adota para fundamentar o que defende por alfabetização?**
- 13)O que a escola faz para que os pais tomem conhecimento da proposta pedagógica da escola, no que se refere ao processo de alfabetização?**
- 14)O entendimento dos pais sobre o que é alfabetização, atrapalha ou ajuda você e as crianças no processo de alfabetização?**